

ATRAVESSAMENTOS BIOGRÁFICOS NA OBRA DE CORA CORALINA: AUTORIA E ALTERIDADE

LUCAS MARTINS GAMA KHALIL¹
ORIENTADOR: PROF. DR. CLEUDEMAR ALVES FERNANDES²

Resumo: A obra poética de Cora Coralina é perpassada significativamente por elementos autobiográficos, tendo em vista que a presença de tais elementos não constitui uma inferência da pesquisa, mas sim uma explicitação realizada pela própria autora. O presente artigo objetiva, desse modo, analisar a construção subjetiva do(s) sujeito(s) dentro de algumas poesias de Cora Coralina, não deixando de visualizar a suposta “proveniência” empírica dessa constituição e os efeitos de sentido que tal fator causa sobre a esfera da recepção, sobretudo crítica e leitores. A desconstrução da concepção de sujeito individual e a-histórico, necessária para o desenvolvimento das análises, tem suas bases na Análise do Discurso francesa, que é o arcabouço teórico dessa pesquisa. Considerando a inserção da obra no meio literário, tornam-se necessárias também algumas problematizações acerca da noção de universalização, relacionando-a com o caráter plural e coletivo do sujeito discursivo.

Palavras-Chave: autor, autobiografia, discurso, constituição subjetiva.

Resumé: L'oeuvre poétique de Cora Coralina est pénétré par des éléments autobiographiques. La présence de ces éléments n'est pas une inférence de la recherche, mais une explication de l'auteur. Cet article vise, donc, examiner la construction de la subjectivité des sujets dans quelques poèmes de Cora Coralina, tout en regardant la prétendue “source” empirique de ce constitution et les effets de sens de ces facteurs sur le domaine de la réception, particulièrement critique et lecteurs. La déconstruction de la notion de sujet individuel et non-historique, nécessaire pour le développement de l'analyse, a ses fondements dans l'Analyse du Discours française, qui est la source théorique de cette recherche. En considérant l'insertion d'oeuvre dans le domaine littéraire, devenue nécessaires quelques problématisations sur le concept d'universalization, en le rapportant à la caractéristique plurielle et collective du sujet discursive.

Mots-clés: auteur, autobiographie, discours, constitution subjective.

¹Graduando em Letras - Instituto de Letras e Linguística/Universidade Federal de Uberlândia (lucas_mgk@hotmail.com). Endereço: Rua João Furlaneto, 72. Ap. 102. Bairro Jardim Finotti. Uberlândia-MG. CEP 38408-120.

² Professor do Instituto de Letras e Linguística da UFU (cleudemar@ufu.br). Endereço: Av. João Balbino, 1941. Ap. 403G. Bairro Santa Mônica. Uberlândia-MG. CEP 38408-262.

Considerações iniciais

O presente artigo realizará algumas reflexões sobre o conceito de autor, sob a perspectiva da Análise do Discurso, contrapondo-o com o peculiar e polêmico contexto de uma obra considerada autobiográfica; no caso dessa pesquisa, a obra autobiográfica em questão refere-se à produção poética da escritora goiana Cora Coralina.

Tais reflexões provêm da realização do Projeto de Pesquisa nº. H-010/2008, desenvolvido em caráter de Iniciação Científica, junto à UFU com apoio da FAPEMIG por meio de bolsa de Iniciação Científica, durante o período de março/2008 a fevereiro/2009. Expor o desenvolvimento da referida pesquisa dentro do meio acadêmico foi um dos objetivos alcançados durante esse período, principalmente por meio da apresentação de comunicações orais em eventos. Isso ocorreu em quatro oportunidades: no FALE, Fórum Acadêmico de Letras, ocorrido na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no mês de maio/2008; no SEMAD, Seminário de Pesquisa em Análise do Discurso, ocorrido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no mês de junho/2008; no

ENEL, Encontro Nacional dos Estudantes de Letras, ocorrido na Universidade Federal do Pará (UFPA) no mês de agosto/2008; e no SELET, Semana de Letras, ocorrida na Universidade Federal de Uberlândia em novembro/2008.

Tais apresentações orais contemplaram, na medida do possível, análises parciais dos poemas selecionados; análises essas que foram re-elaboradas e aprofundadas no presente artigo. Muitas das questões que apareceram durante as apresentações orais proporcionaram um esclarecimento e um direcionamento maior à pesquisa. Isso demonstra que a inserção da pesquisa no meio acadêmico foi fundamental para o desenvolvimento do estudo proposto.

A ênfase nos dois seguintes aspectos, por exemplo, tornou-se importante em se tratando de um objeto considerado literário e autobiográfico:

a) O trabalho da pesquisa com relação às referências autobiográficas não é o de “explicar” a obra por meio da vida da autora, mas sim analisar o modo como essas referências implicam a formação subjetiva dos sujeitos constituídos ao longo dos poemas, desconstruindo inclusive o suposto “espelhamento” perfeito entre os

sujeitos empírico e discursivo. A tendência autobiográfica da obra em questão não é, inclusive, uma inferência da pesquisa, mas sim algo fortemente marcado no discurso dos sujeitos que se constituem na obra;

b) A literariedade da obra, mesmo compreendendo que os fatores estéticos colaboram para a construção dos sentidos dentro dos poemas, não é o foco principal da pesquisa, isto é, trata-se da “escrita de si” não apenas esteticamente, mas em um nível mais amplo: o discursivo. Apesar de o *corpus* ser considerado um objeto literário, as teorias que fundamentam a pesquisa são provenientes da Análise do Discurso francesa, e não da Teoria da Literatura.

Portanto, no decorrer do presente artigo, apresentar-se-á reflexões teóricas acerca da autobiografia enquanto objeto discursivo. Tais reflexões serão divididas em diferentes aspectos, sempre direcionadas pela perspectiva teórica da Análise do Discurso francesa, sobretudo no que se refere à noção de sujeito.

Os poemas escolhidos – *Cora Coralina: quem é você?*; *Todas as vidas*; e *Ressalva*³ – têm em comum o fato de serem textos que refletem a tendência

autobiográfica da obra coralineana. Tal critério foi utilizado com o fim de focalizar a problemática norteadora do trabalho: a construção da subjetividade de um autor/sujeito em relação às peculiaridades da escrita de si.

A importância do poema intitulado *Cora Coralina, quem é você?* para nossas análises pode ser percebida desde seu título: vê-se que tal poema objetiva a construção de uma imagem acerca de certo indivíduo. O nome do autor que propõe oferecer a resposta para a pergunta presente no título do poema coincide com o indivíduo descrito: Cora Coralina. Todavia, nossas análises não se voltam para o que chamamos indivíduo empírico, mas sim para as construções subjetivas (de cunho socioideológico) que estão envolvidas nesse escrever sobre si.

Já o poema *Todas as Vidas* é importante para a pesquisa por tornar possível a explicitação da questão da heterogeneidade constitutiva do sujeito, isto é, o modo como o sujeito é atravessado por várias vozes provenientes de diferentes formações discursivas. Retomada durante todo o poema, a expressão “vive dentro de mim” realça semântica e gramaticalmente a escrita de si e a referência biográfica; por outro lado, vê-se descrever constituições subjetivas

³ Os poemas integrais estão presentes em anexo.

que estão na esfera social, coletiva. Tal contraponto é a base de nossas análises acerca do referido poema.

O último poema selecionado para a pesquisa intitula-se *Ressalva*. Esse poema é um dos textos de apresentação do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Nele, o sujeito descreve o “direcionamento” de sua poesia, afirmando, dentre outras coisas, que a matéria de sua poesia é sua própria vida “recriada” e “poetizada”. O texto em questão proporciona uma reflexão acerca do próprio conceito de autobiografia, bem como as implicações que essa qualificação promove dentro de uma obra.

Além dos poemas já citados, selecionamos alguns outros textos para servirem de *corpus* à nossa pesquisa: a maioria deles são os chamados paratextos, textos que antecedem, sucedem e cercam uma determinada obra (prefácios, introduções, “orelhas”). Esses textos são fundamentais às nossas análises, pois, segundo a perspectiva teórica adotada, os enunciados não têm sentido fora de uma rede enunciativa (um enunciado sempre se remete a outro em se tratando do nível discursivo). Em outras palavras, muito do que se apreende da obra de Cora Coralina, assim como qualquer objeto que envolva relações enunciativas, provém

do que é e já foi dito acerca dessa mesma obra.

1. As noções de autor e sujeito e suas inserções no contexto autobiográfico

A autobiografia é um tipo de escrita na qual se evidencia claramente, num primeiro momento, a imagem de um indivíduo empírico. Na grande maioria das vezes, lê-se uma autobiografia justamente para que o leitor conheça a vida de determinada pessoa, sobretudo de personalidades famosas.

Embora tal constatação seja bastante explícita, quando se fala em construção de subjetividade, pensa-se não no indivíduo empírico, mas sim nas representações subjetivas que são encontradas dentro das autobiografias. É esse *sujeito discursivo*, conceito fundamentado pelas teorias da Análise do Discurso, que precisa ser esclarecido para o desenvolvimento do presente estudo.

Diferentemente da representação empírica de um indivíduo, o sujeito discursivo constitui-se de forma coletiva, social e histórica. Assim sendo, quando se fala em sujeito no decorrer desse artigo não se refere ao indivíduo Cora Coralina, mas sim a

determinadas instâncias sócio-discursiva presentes na obra coralineana:

O lugar histórico-social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram envolve o contexto e a situação e *intervém a título de* condições de produção do discurso. Não se trata da realidade física e sim de um objeto imaginário socioideológico (FERNANDES, 2005, p. 27-28).

Como se pôde observar, *discurso* é outra palavra-chave para o entendimento da noção de *sujeito discursivo*. O objeto da Análise do Discurso, o *discurso*, é compreendido em uma esfera exterior às realizações lingüísticas, embora necessite delas para sua existência material. A natureza do discurso é essencialmente social, encerrando por determinar as próprias “escolhas” lingüísticas por meio de um processo que envolve relações de produção construídas historicamente.

Assim sendo, é na esfera da produção de sentidos que a relação entre sujeito e discurso torna-se ainda mais visualizável. Não se entende aqui sentido como mensagem, nem como significado: a noção de mensagem está bastante associada às teorias de Roman Jakobson, sendo que ela representa apenas algo que é “transmitido” de um emissor para um receptor sem quaisquer

alterações provenientes do nível discursivo; a noção de significado, por sua vez, liga-se à teoria lingüística de Saussure, na qual também se pretere, de certa forma, o estudo do discurso, ressaltando-se que o significado faz parte de uma relação supostamente unívoca entre significante/significado.

Compreende-se sentido, desse modo, como “um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução” (FERNANDES, 2005, p. 25), isto é, o direcionamento do sentido é determinado pela posição discursiva do sujeito dentro de uma prática que envolve a materialização do discurso por meio da linguagem. Perceber-se-á, na obra de Cora Coralina, que as construções subjetivas enunciam a partir de determinados posicionamentos sociais, que não são estáticos nem únicos.

A relativa (mas bastante considerável) movência de sentidos é uma das principais características do discurso enquanto objeto de estudo:

Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que no discurso os sentidos das palavras não são fixos, não são imanentes, conforme, geralmente, atestam os dicionários. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. (FERNANDES, 2005, p. 21-22)

Entendida de forma básica a relação entre sujeito, discurso e sentido, parte-se, nesse segundo momento, para a construção de um elo entre sujeito e autor, visto que a constituição da instância autoral é um dos direcionamentos fundamentais da pesquisa. Para que se compreenda tal relação, é necessário retomar como a figura do autor era concebida em diversos momentos da História. Grande parte da trajetória aqui explicitada baseia-se nas considerações de Foucault (2001b; 1996) acerca das ressignificações ocorridas em algumas concepções de autor e autoria.

Pode-se dizer que o desenvolvimento da imprensa e o fortalecimento da noção de direitos autorais é um dos principais divisores de águas em relação à noção de autoria: antes disso, não se preocupava tanto com a atribuição de uma autoria como se preocupa nos dias atuais. A figura do autor é, portanto, além de ser alguém a quem se atribui alguma obra, aquela pessoa que responde juridicamente pelo que escreve.

Já no século XIX, a visão burguesa individualista do homem também influenciou o modo de conceber a autoria. O nível de aproximação entre autor e obra foi elevado significativamente, haja vista a

quase unânime crítica que encontra e encontrava nos autores românticos “evidentes” marcas autobiográficas. Nesse momento, concebia-se autor e obra como instâncias totalmente inseparáveis, quiçá como unidade.

Na década de 60 do século passado, porém, um movimento teórico defendido pelo estudioso francês Roland Barthes declarou “a morte do autor”. A metáfora utilizada por Barthes (2004, p. 62) contribui para a desconstrução da concepção de autor como indivíduo empírico, concebido como origem de todas as idéias contidas numa obra. O teórico afirma que:

Um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” de um Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura.

Observa-se, desse modo, que na autobiografia, embora haja, *a priori*, clara ligação entre obra e indivíduo empírico, os sujeitos que se constituem dentro da obra, como se verá nas análises dos poemas, provêm de diversos posicionamentos sócio-ideológicos que não podem ser reduzidos a um simples elementos

individual: no caso, o autor concebido como indivíduo empírico.

Michel Foucault (2001b, p. 271) aprofundou questões relativas ao “apagamento autoral” defendido por Barthes. Ele ressalta, entretanto, que “não basta, evidentemente, repetir como afirmação vazia que o autor desapareceu... O que seria preciso fazer é localizar o espaço assim deixado vago pela desaparecimento do autor... as funções livres que essa desaparecimento fez aparecer”. A obra, dentro dessa perspectiva, não é um objeto destituído de autoria, mas também não é um “produto” subordinado a uma instância empírica. É preciso que se considere, portanto, que existe uma construção subjetiva bastante determinante na produção de sentidos dentro de uma obra, instância essa constituída pela interpelação socioideológica. Tal construção corresponde justamente à lacuna deixada pela “morte do autor”. Ao se abandonar a noção de indivíduo empírico, passa-se a observar, por outro lado, todo um conjunto de articulações significativas realizadas na instância autoral. Conceitualmente, *função-autor*, termo concebido por Foucault (2001b), reúne as principais caracterizações tema.

A noção de autor de Foucault (2001b) relaciona-se explicitamente à

concepção de sujeito para a Análise do Discurso. O sujeito, de acordo com a perspectiva teórica adotada, não é um ser humano em particular, “deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo” (FERNANDES, 2005, p. 33). A convergência entre função-autor e sujeito é salientada claramente por Foucault (2001b, p. 287): “o autor [...] é, sem dúvida, apenas uma das especificações possíveis da função-sujeito”.

Tendo em vista a íntima relação com a noção de sujeito, a função-autor determina-se por meio da historicidade e das formações discursivas, ocupando diversas posições-sujeito. Fazer parte de formações discursivas significa apreender e utilizar variadas regras de elaboração enunciativa, ou seja, organizar o discurso a partir da ótica de determinados pontos de vista socioideológicos.

O nome do autor, enquanto característica de sua “individualidade”, tem praticamente uma função classificatória: permite agrupar e demarcar um conjunto de textos:

O nome como marca individual não é suficiente quando se refere à tradição textual. Como, pois, atribuir vários discursos a um único e mesmo autor? Como fazer atuar a função autor para saber se se trata

de um ou de vários indivíduos? (FOUCAULT, 2001, p. 277).

Para se entender a autobiografia dentro do lugar teórico adotado, é necessário recorrermos também à noção de memória discursiva. A Análise do Discurso não concebe a memória como lembranças de um indivíduo, mas sim como elementos que se constituem historicamente e são solidificados por meio das relações enunciativas. Em se falando de memória discursiva, pensa-se sempre em um sujeito plural, fator que ajuda a romper com a concepção de sujeito individual.

A teoria da *extopia* de Mikhail Bakhtin é outro fundamento importante para a cisão da identidade “espelho” entre autor e obra:

Se narro (ou relato por escrito) um acontecimento que me acaba de acontecer, já me encontro, enquanto narrador (ou escritor), fora do tempo e do espaço onde o episódio ocorreu. A identidade absoluta do meu “eu” com o “eu” de que falo é tão impossível quanto suspender-se a si próprio pelos cabelos. Por mais verídico, por mais realista que seja o mundo representado, ele não pode nunca ser idêntico, do ponto de vista espaço-temporal, ao mundo real, àquele que representa, àquele onde se encontra o autor que criou essa imagem (BAKHTIN, apud AMORIM, 2006, p. 105).

Como se observa, Bakhtin acredita que não se encontra na escrita a

transcrição literal do “real”, mas sim a criação de algo novo, fora do tempo e do espaço relativo ao acontecimento empírico: constitui-se um “outro” por meio da aparente via do “mesmo”, demonstrando a descontinuidade entre o fato empírico e o conteúdo da escrita.

Em obras de caráter biográfico, como é o caso dos poemas selecionados, a “desmitificação” do autor enquanto instância empírica precisa ser ainda mais problematizadora, tendo em vista que a obra aparenta estar irremediavelmente ligada a determinada vivência. No entanto, por meio da convergência entre autor e sujeito, explicitada anteriormente, as análises que dão prosseguimento ao artigo buscam retratar não o indivíduo empírico Cora Coralina “espelhado” em sua obra, mas às construções subjetivas que dão suporte aos discursos presentes nos poemas, não deixando de observar as peculiaridades existentes em obras autobiográficas.

2. O(s) sujeito(s) da obra coralineana: análise do poema *Todas as Vidas*

Tendo em vista as proposições teóricas da Análise do Discurso, não se pode conceber a escrita autobiográfica

como uma prática que gira essencialmente em torno de um sujeito individualizante. Defende-se o *descentramento do sujeito*, na medida em que, de acordo com Michel Pêcheux (1997), o sujeito tem a ilusão de ser a origem e o centro do seu dizer, desconsiderando as práticas exteriores a si, assim como a relação de alteridade inerente às situações discursivas. Em outras palavras, o sujeito construído pela obra autobiográfica marca seu lugar não de forma isolada e única, mas sim em relação a um grande complexo de diferentes construções identitárias.

A noção de *heterogeneidade*, conceito fundamental no presente tópico, alia-se ao chamado descentramento do sujeito, visto que o sujeito, não sendo o centro de seu dizer e origem do que enuncia, constitui-se de diversas formações discursivas exteriores a si, dentro das quais coexistem contradições, dominâncias, subordinações. Segundo Authier-Revuz (2004), os enunciados contêm várias formas de remissão a outros discursos, que, por sua vez, são oriundos de diversos lugares. Desse modo, pode-se compreender de forma mais concreta o exercício da exterioridade sobre a constituição do sujeito:

O *pertencer* das palavras e das seqüências de palavras ao discurso em curso; em todas as formas de remissão a outro discurso já dito, campo muito vasto de citação integrada, da alusão, do estereótipo, da reminiscência, quando esses fragmentos são designados como “vindos de outro lugar” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p 16-17).

O poema em análise, *Todas as vidas*, é construído de forma que evidencia características de diferentes posições-sujeito: “Vive dentro de mim/ uma cabocla velha/ de mau olhado/ acorada ao pé do borralho/ olhando para o fogo”; “Vive dentro de mim/ a lavadeira do Rio Vermelho/ Seu cheiro gostoso/ d’água e sabão” (CORALINA, 2001, p. 31). A cada estrofe, as identidades postas são reforçadas por meio de atributos e ações descritas pela autora em uma escrita de “fragmentos”, nos quais o conteúdo imagético sobrepõe-se à linearidade de uma seqüência lógica referencial (“Pimenta e cebola. / Quitute bem feito. / Panela de barro. / Taipa de lenha.”). Observa-se que as diferentes formações discursivas se materializam por meio de recursos lingüísticos que enunciam ao leitor perspectivas, imagens e situações que marcam um direcionamento identitário.

O aparecimento dessas diversas “facetas” explicita a constituição necessariamente heterogênea do sujeito.

É importante salientar também que o conceito de heterogeneidade contrapõe-se à visão de sujeito homogêneo (perpassado por apenas uma formação discursiva).

No poema, é de fundamental importância a função do estereótipo, citado por Authier-Revuz (2004). Cora Coralina utiliza as imagens estereotipadas para delinear a figura de cada uma das posições-sujeito postas durante o poema, como por exemplo, o “quitute”, quando se refere à mulher cozinheira; o “terreiro” e a “macumba”, quando se refere à cabocla velha; etc.

No processo de formação de subjetividade, destaca-se a seleção de lugares dos quais o sujeito pode ou não dizer algo em uma determinada situação cronotópica, ou seja, o sujeito, ao posicionar-se em determinadas formações discursivas, deixa de se posicionar em outras. No poema em análise, por exemplo, a questão do gênero é um lugar comum entre as tantas posições ocupadas pelo sujeito autobiográfico. A representação feminina envolve, desse modo, a cabocla velha, a lavadeira do Rio Vermelho, a mulher cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida.

Outro ponto comum às diversas formações identitárias é o discurso de

uma classe oprimida e desfavorecida. A última estrofe do poema (“Todas as vidas dentro da minha/ Na minha vida - / a vida mera das obscuras”) explicita tal questão, que é materializada lingüisticamente pelos lexemas “mera” e “obscuras”, referindo-se a fatores de condição social.

Pode-se reiterar que a heterogeneidade é um dos fatores que constituem o sujeito discursivo no processo de formação identitária, rompendo com a concepção de sujeito homogêneo e fortalecendo a perspectiva do descentramento do sujeito. As formações discursivas que coexistem no discurso de um sujeito muitas vezes convergem para perspectivas semelhantes e se complementam, mas também se diferenciam e até mesmo se contradizem.

3. A escrita de si em *Cora Coralina: quem é você?*

O poema “*Cora Coralina, quem é você?*” é, como se pode observar a partir do título, um claro exemplo de escrita de si. A convergência entre o nome do autor e o nome do ser-objeto descrito no poema (Cora Coralina) proporciona que se apreendam enunciados que refletem justamente a constituição subjetiva na obra da autora.

Foucault (2006), um dos teóricos que se dedicaram ao estudo da escrita de si, apresenta algumas questões importantes para nossa pesquisa. A escrita de si, concebida, na perspectiva desse teórico, como um ato de conhecer-se, não é simples depósito de memória e sim uma prática de constituição subjetiva, na medida em que o sujeito participa de um exercício de treino de si mesmo, mostrando-se face à identidade do outro. O resultado dessa escrita apresenta, desse modo, elementos que retornam à noção de sujeito discursivo, por meio de componentes como heterogeneidade, alteridade, formações discursivas etc.

A alteridade, percebida implicitamente no estudo de Foucault (“mostrar-se face ao outro”) tem no nome de Mikhail Bakhtin (2000) um dos seus teóricos principais. Segundo ele, as situações enunciativas envolvem um diálogo, no qual o dizer de um interlocutor é constantemente perpassado pela voz do outro. Ou seja, tudo o que enunciamos envolve as representações imaginárias que temos em relação ao outro e as que acreditamos que o outro tem de nós. As representações imaginárias, segundo Pêcheux (1990), são imagens que os sujeitos atribuem entre si e que são materializadas pela linguagem e

compreendidas como manifestação de seus discursos.

Outro fator pertinente à escrita de si é o movimento de ascese, citado por Foucault (2006). A presença da ascese proporciona que a escrita de si torne-se um exercício espiritual, no qual se busca um alcance da plenitude:

Apenas a autenticidade da minha
poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias
minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim
tudo que é velho e morto
(CORALINA, 2004, p. 228).

Vê-se que o sujeito do poema identifica-se com a poesia, e conseqüentemente, com a escrita autobiográfica, tornando-a um meio de conhecimento interior, de auto-reflexão, e concebendo, dessa forma, a escrita como uma maneira de chegar à ascese. A escrita de si, portanto, é uma atividade que perpassa o conhecimento de si, tendo em vista que o sujeito efetua uma auto-interlocução reflexiva.

A leitura do verso inicial do poema (“Sou mulher como outra qualquer”) faz com que se chegue a uma das problemáticas centrais da pesquisa: o contraponto entre o indivíduo empírico e os sujeitos discursivos presentes nos poemas.

Como um todo, o poema, sob a aparência da descrição de um indivíduo em particular, apresenta uma série de elementos que apontam para a constituição de um sujeito social e coletivo.

A descrição acerca da poetisa inicia-se com uma afirmação que não diz respeito a uma memória individual, mas sim a uma memória social, a uma memória discursiva, isto é, o lexema mulher suscita não apenas o indivíduo Cora Coralina, mas uma série de enunciados que se referem à construção da imagem feminina através dos tempos. Dizer que Cora Coralina é mulher como outra qualquer implica o fato de que a constituição desse sujeito descrito no poema é perpassada por determinadas posições histórico-sociais; uma delas é a inserção do sujeito dentro do discurso feminino.

O segundo verso do poema (“Venho do século passado”) define importantes pilares na construção da identidade proposta no título do poema. Compreende-se, nesse verso, o sujeito dentro de um contexto histórico-social, na medida em que determinados aspectos ideológicos constituem significativamente tal sujeito. Observa-se que o sujeito constituído é social e coletivo, isto é, não se refere exclusivamente ao indivíduo empírico

Cora Coralina. A interpelação da História sobre o sujeito é reforçada constantemente ao longo do poema, como se pode verificar nos seguintes versos:

Pertenço a uma geração
ponte entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.
(CORALINA, 2004, p. 225).

Os versos citados retratam socialmente uma época. Sendo assim, tal panorama determina fortemente a inserção ou não do sujeito em certas formações discursivas. A descrição de práticas sociais peculiares à época referida segue, no decorrer do poema, ilustrando determinado contexto:

Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.
(CORALINA, 2004, p. 225).

O plural utilizado em “nas casas”, “nos quartéis”, dentre outros, realça o tom coletivo dessas práticas. Isso significa que tais práticas não são acontecimentos isolados pertencentes à vida de Cora Coralina, mas sim um complexo de relações sócio-discursivas inerentes a esse contexto histórico. A

estrofe citada a seguir complementa o panorama social retratado pelo sujeito-autor do poema:

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi as letras
em livros superados de que
ninguém mais fala
(CORALINA, 2004, p. 226).

Percebe-se que o funcionamento das instituições (família, escola, exército) são pontos bastante destacados no poema. As instituições, de um modo geral, fazem parte da constituição do sujeito, sendo que o interpelam por meio de práticas ideológicas. As instituições, concebidas como aparelhos ideológicos e/ou repressores, são, segundo Althusser (1996), algumas das formas pelas quais as ideologias adquirem existência material. Dessa maneira, elas exercem fundamental importância dentro do sistema discursivo de uma sociedade.

A instituição familiar, por exemplo, exerce certo posicionamento contrário em relação à iniciação literária de Cora Coralina: “Nunca recebi estímulos familiares para ser literata/ Sempre houve na família, senão uma/ hostilidade, pelo menos uma reserva determinada/ a essa minha tendência inata” (CORALINA, 2004, p. 227). O contexto histórico-social, a concepção que a referida instituição familiar tem

sobre o objeto literatura, e os sujeitos envolvidos na situação são fatores que participam efetivamente do funcionamento dessa instituição.

Tendo em vista que o discurso materializa-se por meio da linguagem, faz-se, um contraponto entre a construção gramatical do poema e seu caráter enquanto discurso. No poema, o “eu” apresentado pelo nome de Cora Coralina é suscitado por elementos gramaticais (principalmente verbos e pronomes) que se referem, em suas construções, à primeira pessoa do singular: “sou”, “nasci”, “minha”, “eu”, etc. Por outro lado, a construção subjetiva presente no poema, como se pôde ver, refere-se a uma esfera social e coletiva, rompendo com a centralização do sujeito.

A última estrofe do poema, transcrita a seguir, apresenta o parentesco entre a escrita e a morte, um dos temas estudados por Foucault (2001c):

Quem sentirá a Vida
destas páginas...
Gerações que não de vir
de gerações que vão nascer.
(CORALINA, 2004, p. 229)

Foucault (2001c, p. 47) acredita que “o discurso, como se sabe, tem o poder de deter a flecha já lançada em um recuo do tempo que é seu espaço

próprio”. Desse modo, materializando os discursos, a obra, enquanto materialidade que dá suporte a tais discursos, concede uma “sobrevida” ao autor, na medida em que “grava” seu discurso numa rede de textos e obras.

Quando o sujeito enuncia sobre si dentro de um objeto que tende a se tornar parte de uma cultura, a busca pela “vida” por meio da escrita de si explicita-se de forma ainda mais concreta:

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho.
(CORALINA, 2004, p. 224).

Permite-se, no trecho acima, que o leitor visualize no sonho, na imaginação e na criação, constituintes da escrita poética, uma forte relação entre a escrita e a dicotomia vida/morte. A “ânsia de vida” citada no poema é tida, dessa forma, como causa para a inserção do sujeito no universo literário. Segundo Foucault (2001c, p. 48), “é somente depois de terem inventado a escrita que a linguagem aspira a uma continuidade; mas é também porque ela não queria morrer que decidiu um dia concretizar-se em signos visíveis e indelévels”.

As discussões até aqui desenvolvidas permitem um parcial

direcionamento acerca da concepção de autobiografia. O sujeito da autobiografia, mesmo sendo explícita a relação da obra com o indivíduo empírico retratado, constitui-se por elementos que lhe são exteriores, de cunho social e, principalmente, coletivo. A instância que enuncia, do mesmo modo, não pode ser reduzida ao indivíduo empírico, pois o sujeito discursivo (que perpassa a noção de autor na perspectiva da Análise do Discurso francesa) não é centro de seu dizer, tendo em vista que os discursos provêm de heterogêneas formações discursivas e ideológicas.

4. Autobiografia, universalização e literariedade: problematizações

A obra autobiográfica, por apresentar-se em uma forte relação com a imagem de determinado indivíduo empírico, está sujeita à aplicação de alguns conceitos já cristalizados, em geral, pela atual Crítica Literária. Muitos desses conceitos ligam-se às noções de particular e universal, geralmente concebidas conforme as considerações de Aristóteles em *Poética*. Tal teoria foi elaborada pelo filósofo grego a fim de se “separar” o texto da História e o texto da Literatura.

Não se pretende aqui julgar o caráter literário (ou histórico) da obra de Cora Coralina, como foi ressaltado desde as considerações iniciais, mas demonstrar alguns direcionamentos em que o leitor e a crítica costumam se basear em se tratando de uma obra autobiográfica. Para isso, recorrer-se-á aos também paratextos que perpassam a obra de Cora Coralina, além da apresentação de teorias que circulam no meio da Teoria Literária, fatores sempre mediados pelas teorias da Análise do Discurso.

Em se tratando de um objeto literário, pode-se apreender alguns grupos de enunciados pré-construídos que giram em torno da constituição da literatura como uma forma de escrita peculiar. Nas mais variadas vertentes da Teoria Literária, um dos pontos que mais são difundidos é exatamente a dicotomia particular/universal. O fortalecimento dessas noções no meio acadêmico perpassa fortemente a problemática da autoria, visto que, muitas vezes, supõe-se um afastamento entre a entidade empírica do autor e a construção da obra para que essa última “universalize-se”, isto é, deixe de se restringir à perspectiva de um ser particular, no caso, o autor da obra.

Segundo a teoria aristoteliana, a História focaliza os fatos particulares e

empíricos, enquanto a escrita da Literatura tende a se universalizar. Observa-se, desse modo, que tal perspectiva desconsidera qualquer possível intersecção que possa ocorrer entre esses dois tipos de escrita, “homogeneizando” tais objetos. Em se falando de obras autobiográficas, tal separação compromete-se ainda mais, tendo em vista que muitas dessas obras propõem-se como literárias.

Ressalta-se que, em grande parte da Teoria Literária, o atributo “universal” é retomado com frequência e considerado como parte essencial do texto literário:

A transcendência e a a-causalidade da escrita dispensam qualquer simulacro do autor, pois todo o fragmento textual é uma parcela atualizada do texto infinito que não cessa de se escrever, uma manifestação particular da escrita universal e ilimitada... (SILVA, 1988, p. 224)

Sendo a obra “literária” um objeto de alcance “universal”, como diz o autor supracitado, é necessário definir quais são os critérios utilizados para se dizer que uma obra se universaliza ou não. Não se defende aqui a incompatibilidade entre o universal e o particular, mas em se tratando de obra ou personagem universal, refere-se também, conseqüentemente, a obra ou

personagem não universal, ou não “universalizante”. São tais critérios que, na maioria das vezes, ficam nebulosos e incompreendidos, podendo ser problematizados no presente estudo com base nas teorias da Análise do Discurso.

Desse modo, questiona-se: Toda e qualquer biografia, por se remeter a uma dada empiricidade, estaria fadada a ocupar um lugar fora do que se considera Literatura (dentro do enquadramento explicitado)? Como analisar a instância autoral de uma obra que, supostamente, fala de um ser empírico, “individual”, “particular”? Como inferir a universalidade ou não de um texto, na perspectiva aristotélica, considerando-se que a obra literária aciona constantemente uma memória discursiva, recorre a uma singularidade de formações ideológicas e suscita uma rede de enunciados determinados e ressignificados ao longo da História? Por tais questionamentos perpassarem consideravelmente a noção de sujeito é que se elege a Análise do Discurso como o suporte essencial para se desenvolver as reflexões seguintes.

Na obra de Cora Coralina, encontra-se o aspecto biográfico retratado explicitamente: “Este livro foi escrito/ por uma mulher/ que no tarde da Vida/ recria e poetiza sua própria/

Vida” – grifos nossos (CORALINA, 2001, p. 27). Por outro lado, a constituição da subjetividade, como já foi analisada em tópicos anteriores, é perpassada pelo aspecto sócio-histórico-cultural. O sujeito desses poemas tem existência coletiva, transcendendo a figura empírica da autora. Nos níveis discursivo e ideológico, portanto, a constituição coletiva do sujeito é algo já bastante discutido, o que evidencia a negação do sujeito tido como uma entidade individual. Considerando-se essa linha de raciocínio, chega-se ao primeiro motivo para se rediscutir a separação entre universal e particular enquanto definição de literariedade.

O universal, teoricamente asseverando, já foi apreciado inclusive sob outras perspectivas. Segundo Pêcheux (1997), toda articulação discursiva mantém uma relação potencial com o universal, visto que toda situação humana carrega uma universalidade implícita. Em outras palavras, tem-se a compreensão de um fato porque o esquema de seu acontecimento é universal, isto é, poderia acontecer envolvendo quaisquer sujeitos. Dessa forma, toda articulação discursiva:

Corresponde, ao mesmo tempo, a: “como dissemos” (evocação

intradiscursiva); “como todo mundo sabe” (retorno ao Universal do sujeito); “como todo mundo pode ver” (universalidade implícita de toda situação “humana”). (PÊCHEUX, 1997, p. 171)

Mesmo um texto considerado como “histórico”, marcado pela particularidade e empiricidade do acontecimento, acabaria refletido em um esquema situacional marcado pela universalidade, pela situação potencial. O que diferenciaria essencialmente tais “acontecimentos” são, de forma fundamental, as condições de produção dos enunciados que os envolvem.

Assim sendo, pode-se afirmar que a linha divisória entre o particular e o universal torna-se bastante frágil. O caráter necessariamente coletivo do sujeito discursivo também é outro fator que colabora para que essa dicotomia se desestabilize. Ao se falar de autobiografia, em contrapartida, tende-se na maioria das vezes a “optar” por um juízo de valor ligado ao particular e, conseqüentemente, marcado pela “diminuição da literariedade”. Porém, prefere-se conceber, na presente pesquisa, o universal e o particular como vontades de verdade acerca do objeto literário. Em outras palavras, tais noções são válidas sob certas perspectivas, mas podem ser

rediscutidas sob outras, assim como quaisquer vontades de verdade.

Ainda no poema “Todas as Vidas”, a construção poética de Cora Coralina é direcionada, como já foi retratado, para uma multiplicidade de constituições subjetivas, fato que reforça o caráter coletivo e plural do sujeito discursivo: “Vive dentro de mim / a mulher roceira. / - Enxerto da terra, / meio casmurra. / Trabalhadeira. / Madrugadeira / Analfabeta. / De pé no chão. / Bem parideira. / Bem criadeira. / Seus doze filhos, / Seus vinte netos” (CORALINA, 2001, p. 33). O verso inicial da maioria das estrofes (“Vive dentro de mim”), especialmente a palavra “mim”, funciona como um dêitico, direcionando a leitura para um ambiente autobiográfico, centrado em um “eu” aparentemente empírico. Os versos seguintes, entretanto, deslocam a constituição do sujeito dentro do poema, visto que as características dadas a cada posição-sujeito funcionam como marcadores de pluralidade.

As expressões “trabalhadeira”, “analfabeta”, “meio casmurra”, por exemplo, têm caráter essencialmente plural em se falando da “mulher roceira”. Evidencia-se que, ao se enunciar sobre um indivíduo empírico, recorre-se a diversas constituições subjetivas que se expandem rumo às

representações de determinadas coletividades. Dessa forma, o sujeito do poema, ao declarar-se “mulher roceira”, insere-se em certa posição-sujeito, apreendendo em seu discurso funções enunciativas que o definem ideologicamente, ainda que de forma parcial.

Pêcheux (1997) apresenta uma distinção, importante para a presente reflexão, entre proposição relativa explicativa e proposição relativa determinativa (conceitos da gramática de Port-Royal, do século XVII, que são refletidos por Pêcheux quando da formulação do conceito de pré-construído). A primeira, nas palavras do próprio teórico, “intervém como uma *incidência do pensamento sobre a ordem das essências*” (PÊCHEUX, 1997, p. 44), enquanto a segunda determina um ser/objeto, individualizando-o. O dêitico “mim”, por exemplo, direciona o sentido do enunciado para certa individualização, representada pela relativa determinativa. Contudo, quando se pensa em sujeito discursivo, sobretudo nas representações coletivas que se explicitam (por exemplo, “analfabeta”), as relativas explicativas sobrepõem-se significativamente.

A proposição relativa explicativa é um dos fatores que

fundamentam a noção de pré-construído. Para Pêcheux (1997), o pré-construído é o “sempre-já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalização”. Pode-se perceber mais claramente tal conceito dentro do *corpus* da pesquisa: “Vive dentro de mim/ uma cabocla velha/ de mau olhado/ acororada ao pé do borralho/ olhando para o fogo. Benze quebranto/ Bota feitiço/ Ogum. Orixá/ Macumba, terreiro/ Ogã, pai-de-santo” (CORALINA, 2001, p. 34). Observa-se que a representação da “cabocla velha” suscita imagens e sentidos já pré-existentes (macumba, feitiço, fogo, Orixá). Tais questões permeiam justamente o que se chama de pré-construído, materializado muitas vezes por meio de proposições relativas explicativas.

No decorrer do poema “Todas as vidas”, entretanto, depara-se com os seguintes versos: “Vive dentro de mim/ a lavadeira do Rio Vermelho”. A inclusão da proposição relativa determinativa “do Rio Vermelho”, evidenciada pelo dêitico “mim” e pela aparente “individualização” provocada pelo adjunto adnominal, impulsionam a problematização. Volta-se a um dos questionamentos já apresentados até

aqui: A constituição do sujeito será, nesse caso, individual e particular?

O fato de tal proposição aparentar um direcionamento individual, ao mesmo tempo em que o tom do discurso aponta para a construção de um sujeito coletivo, evidencia a situação confusa das noções de universal e particular do modo como são constantemente aplicadas. Pode-se dizer se uma obra é literária ou não apenas por ela recorrer a um fundo autobiográfico? Os sujeitos da obra autobiográfica de Cora Coralina “universalizam-se” mais ou menos do que os sujeitos presentes em outras biografias, como por exemplo, nos livros sobre personalidades famosas? Tais questões dependem fundamentalmente de fatores que são exteriores ao próprio texto. Em outras palavras, pertencer ou não ao conjunto de obras que costuma se denominar “literárias” depende de valores não apenas estéticos, mas valores que são construídos por meio de enunciados que envolvem a obra, como se verá mais detalhadamente no próximo tópico.

Vale ressaltar, portanto, a negação da simples utilização das noções de particular e universal como instâncias imiscíveis e completamente distantes. O autor, por sua vez, mesmo relacionando-se explicitamente com a

obra (como é o caso da autobiografia) é concebido, na perspectiva teórica adotada, como uma categoria de sujeito discursivo, constituindo-se na exterioridade por meio de formações discursivas de cunho coletivo. Descarta-se também a dicotomia universal/particular como definidora de literariedade, tendo em vista a escassez de critérios claros para que tal teoria se fundamente.

5. As redes enunciativas e a constituição da obra coralineana

Tudo o que se infere acerca de determinado objeto perpassa múltiplos enunciados que lhe são exteriores. Dentro dessa perspectiva, Foucault (2000, p. 26) afirma que:

As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede... Por mais que o livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos.

O leitor da obra de Cora Coralina, portanto, depara-se com juízos de valores construídos historicamente e materializados principalmente nos textos que a circundam. A parte inicial do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, por exemplo, é repleta de pequenos “prefácios” e textos introdutórios que antecedem a obra poética em si. Esses textos são comentários de outras pessoas (editores, estudiosos) e da própria Cora Coralina sobre o livro. Analisar esses textos “periféricos”, os paratextos, significa visualizar a obra dentro de uma complexa rede enunciativa, considerando a exterioridade como fator essencialmente constitutivo dos sujeitos.

Explicitando, na medida do possível, tal rede enunciativa, possibilita-se que as problematizações realizadas no tópico anterior sejam mais aprofundadas. Por meio da concepção de leitura como um grande emaranhado de sentidos produzidos pelo intradiscurso e pelo interdiscurso, pode-se observar, portanto, o processo pelo qual a instância da universalização é atribuída aos textos de Cora Coralina e da literatura *stricto sensu* de uma forma geral.

Os pequenos textos introdutórios do livro supracitado marcam a forte presença de uma poética voltada para

“uma ambiência tipicamente goiana”, “uma moldura de terra-mãe de Cora Coralina”. Esse tipo de inferência reflete a afirmação de que abra coralineana recorre à própria vivência empírica da autora. Observa-se, dessa forma, que não só os textos de autoria de Cora Coralina, como o poema *Ressalva*, sustentam tal constatação, mas também a maioria dos textos que “circunscrevem” a obra.

Por outro lado, tendo em vista o “tabu” que envolve a literariedade da obra e a discutida “necessidade” de universalização, os textos introdutórios do livro também afirmam, em outros momentos, que a obra “ultrapassa” a fronteira do particular para atingir uma dimensão universal:

- “Este livro tem o horizonte humano sem fronteiras... o livro assume a dimensão do universal” – comentário dos editores - (CORALINA, 2001, p. 8);

- “Com a mesma humildade meta-humana dos seres criados para povoar o infinito espacial” – comentário de J. B. Martins Ramos – (CORALINA, 2001, p. 9);

- “sem deixar... de restabelecer o tráfego com a universalidade do humano” – comentário de Oswaldino Marques (CORALINA, 2001, p. 15);

- “que possa ultrapassar as cidades”, “possa ser lido nas prisões e levar ao presidiário a última página deste livro num apelo de regeneração e na minha oferta de fraternidade humana” – comentário introdutório da autora (CORALINA, 2001, p. 23).

Tanto os trechos que afirmam a recorrência empírica da obra coralínea quanto os textos que afirmam sua universalização participam da rede de enunciados que dão suporte à construção de uma imagem acerca da obra em questão. A leitura, portanto, é um processo que é perpassado por uma determinação histórico-ideológica, materializada por meio de uma multiplicidade de enunciados.

Vê-se novamente que os critérios de “transformação” do particular em universal ainda permanecem implícitos, apesar de tal processo aparentar grande naturalidade. Prefere-se, no presente estudo, não definir se a obra de Cora Coralina está na esfera do particular ou do universal (do modo como propôs Aristóteles), nem se ela encaixa-se na Literatura ou na História. Tais incógnitas permitem que se chegue, no entanto, a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, não é apenas o ato de leitura que define os sentidos dentro de uma obra. Isso quer dizer que

o leitor e a crítica apreendem o texto em um estado instável e “cinético”, no qual se precisa considerar uma complexa rede enunciativa. Afirmar a literariedade de determinada obra significa “assumir”, ao menos parcialmente, vários enunciados pré-construídos. O caráter universal da obra de Cora Coralina, por exemplo, é ressaltado exteriormente à obra e, dessa forma, encerra por determinar juízos de valor acerca dela.

Outro ponto fundamental acerca desse entrecruzamento da leitura com as redes enunciativas é considerar a Literatura, a História, etc., como formas “institucionalizadas” de se produzir e recepcionar um texto. Em outras palavras, ao entrar em contato com determinada obra, o leitor recorre a um conjunto de artifícios anteriores e exteriores ao ato de leitura que colaboram efetivamente na produção de sentidos. O leitor, desse modo, pode tanto ler a obra de Cora Coralina como uma fonte histórica (na medida do possível), quanto lê-la como literatura *stricto sensu*, focalizando-a esteticamente.

Considerando que a constituição dos sentidos de um texto é proveniente de um complexo discursivo, de uma rede de enunciados que preexiste ao chamado ato de leitura, pode-se afirmar

que a leitura literária, assim como a leitura jornalística, a leitura histórica, etc; são práticas específicas na medida em que se instituiu historicamente uma maneira de ler “adequada” a cada uma delas. Quando Cora Coralina “aproxima” o leitor de uma perspectiva autobiográfica (“Vive dentro de mim”) e mesmo quando “desloca” esse leitor para uma visão “universalizante” (“Todas as vidas dentro de mim”), não é o movimento intrínseco do texto que permite ao leitor “relacionar-se” com o texto de modo universal ou particular, mas sim um conjunto de regras que definem o lugar institucionalizado da literatura.

6. Considerações finais

O projeto *Atravessamentos biográficos na obra de Cora Coralina: autoria e alteridade*, por ter caráter de pesquisa, aliou, ao longo do ano de 2008, reflexões teóricas e análises a fim de alcançar resultados relevantes para o meio acadêmico. Para isso, utilizou-se o arcabouço teórico da Análise do Discurso, fato que favoreceu a pesquisa, tendo em vista que tal teoria, ao trabalhar o nível discursivo, oferece grande abrangência em relação aos objetos.

Aplicar diversos preceitos da Análise do Discurso no decorrer da pesquisa tornou-se importante na medida em que se oferece ao pesquisador um contato mais concreto com a teoria adotada, contato ampliado também por discussões em grupos de estudo relacionados e encontros de estudo semanais entre orientador e orientando.

Ao traçar a constituição subjetiva dos sujeitos na obra coralineana, muitas das concepções concernentes à Análise do Discurso precisaram ser explicitadas. Dessa forma, pôde-se compreender que o sujeito discursivo constitui-se pela História e pela exterioridade, tendo um caráter coletivo e social. Considerando os poemas selecionados como autobiográficos, precisa-se salientar que a noção de autor alia-se à noção de sujeito e, desse modo, autor não é concebido como indivíduo empírico, mas como uma construção subjetiva análoga ao sujeito discursivo.

Outras questões importantes também permearam a análise, sobretudo no que se refere ao estudo do(s) sujeito(s). Ressalta-se que todo sujeito é heterogêneo, isto é, participa de diversas formações discursivas, mesmo que por vezes elas se contradigam. Além disso, o sujeito discursivo

constrói-se pela alteridade, pela intensa relação constitutiva do eu com o outro, relação essa que suscita um complexo jogo de representações imaginárias.

Por fim, observa-se que a tensão entre universal e particular, problematização surgida durante as reflexões da pesquisa, é determinada por fatores extratextuais que perpassam até mesmo a classificação dos textos em nomenclaturas como História ou Literatura. Assim sendo, a análise dos enunciados que se relacionam com a obra de Cora Coralina explicitou sentidos importantes para o estudo.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. In: ZIZEK, Slavoj (org). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPURCS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Emantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CORALINA, Cora. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2004.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20 ed. São Paulo: Global, 2001.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso - reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: *Ética, Sexualidade e Política – Ditos e Escritos V*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. In: *Ditos e Escritos III: Estética; Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001c.
- FOUCAULT, Michel. O pensamento do exterior. In: *Ditos e Escritos III: Estética; Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Ditos e Escritos III: Estética; Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Edições Loyola: São Paulo: 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8 ed. Livraria Almedina: Coimbra, 1988.

ANEXOS

- POEMAS SELECIONADOS

Cora Coralina, quem é você?

Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
“Longe de todos os lugares”.
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência.
Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.
E eu fechada dentro
da imensa serra
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

Todo o ranço do passado era
presente
A brutalidade, a incompreensão,
a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis.e nas roças.
A criança não tinha vez,
Os adultos eram sádicos

aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já
havia ensinado uma geração
antes da minha.

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi as letras
em livros superados de que
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me
entraram no entendimento.
De certo pela pobreza que marcaria
para sempre minha vida.
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrollável.
Sendo assim, tenho a
consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida
e à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para
ser literata.

Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva
determinada

a essa minha tendência inata.

Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus
reservatórios secretos, um vago desejo
de analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.
 Preconceitos de cor e de família.
 Preconceitos econômicos.
 Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me experimentou
 as deficiências da escola primária
 que outras o Destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro
 sem referências a mencionar.
 Nenhum primeiro prêmio.
 Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.
 Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha
 poesia arrancada aos pedaços
 do fundo da minha sensibilidade,
 e este anseio:

procuro superar todos os dias
 minha própria personalidade
 renovada,
 despedaçando dentro de mim
 tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante
 que levanta os fracos
 e determina os fortes,

Quem sentirá a Vida
 destas páginas...
 Gerações que hão de vir
 de gerações que vão nascer.

Todas as vidas

Vive dentro de mim
 uma cabocla velha
 de mau-olhado,
 acorada ao pé do borralho,
 olhando pra o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
 a lavadeira do Rio Vermelho,
 Seu cheiro gostoso
 d'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
 a mulher cozinheira.
 Pimenta e cebola.
 Quitute bem feito.
 Panela de barro.
 Taipa de lenha.
 Cozinha antiga
 toda pretinha.
 Bem cacheada de picumã.
 Pedra pontuda.
 Cumbuco de coco.
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada, sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.

Vive dentro de mim
 a mulher roceira.
 – Enxerto da terra,
 meio casmurra.
 Trabalhadeira.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão.
 Bem parideira.
 Bem criadeira.
 Seus doze filhos.
 Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
 a mulher da vida.
 Minha irmãzinha...
 tão desprezada,
 tão murmurada...
 Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

Ressalva

*Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.*

*Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.*

*Este livro:
Versos... Não
Poesia... Não
um modo diferente de contar velhas
estórias.*